CIBERESPAÇO: A LEITURA DE FLICKR E PERIÓDICOS – A FOMENTAÇÃO DA PRÁTICA.

Nome do Autor
Josiane Cristina Barbosa de souza
UFF – josy_cb@yahoo.com.br

RESUMO

Pensar a posição sujeito em interface ao ciberespaço e sua constituição autoral, especificamente no blog do artista plástico Walter Nomura e o periódico Folha *on line*, nos traz a partir dos pressupostos da Análise do Discurso de filiação francesa, inquietações no que diz respeito às formações discursivas apresentadas. Isso posto, questionamos como se constitui o leitor de *flickr* de um artista plástico, que teve a sua primeira aparição na arte urbana denominada *Grafitti*? Em contraponto, como seria constituído o leitor do periódico *on line* e como esse articularia tais recursos ao ensino de Língua Portuguesa?

Tudo isso nos instiga pensar a posição sujeito a partir da perspectiva de alguém que é atravessado por sua história, logo seus efeitos. Tal posição no escopo do ciberespaço enquanto lugar de embate artístico, tecnológico e informativo.

Tal aspecto, sob a ótica da AD pode ser encarado como um rico lugar discursivo à pratica docente, por sinalizar ao leitor (sujeito) as formações discursivas presentes nos textos lidos; assim a concepção do sujeito autor do *flickr* de Nomura, como uma posição política de quem o faz e a quem o lê, pois torna se mais restritivo que o jornal que em seu caráter informativo é legitimado em maior proporção pelo tempo e descendente da corrente impressa, antes já respeitada institucionalmente, tais movimentos por posicionarmos o político como um palco de opiniões e convencimento; o autoral, em uma escrita alcunhada pelo constitucional permeada pela legislação e seu pré construído Assim, o lugar e para quem se fala concomitante à credibilidade auxiliam na formação verborrágica como reflexo do artista (autor) e a edição dos periódicos de tal discurso. Por essa razão assumimos na presente proposta o traço da materialidade lingüística no jogo do político, autoral e pré construído em construção de efeitos sentido com observação em uma prática que articula tal movimentação.

Palavras-Chave: ciberespaço, autoral e político.

1. A DISCURSIVIDADE NA *WEB*

Sabemos após anos de uso que a internet recebe o nome de rede, pois aprofunda muito além do tecnológico e a comunicação, ela forma a tecedura informativa, com marcações de grupos através das ideias e do dizer. Onde a historicidade da autoria, o sujeito leitor junto e o político formam uma rede de sentidos. Rede essa que pretendemos analisar a construção de sentidos que se formula no *flickr* do artista plástico Walter Nomura, também conhecido por Tinho e o periódico Folha *on line*, o primeiro com sua obra artística em origem no *grafitti,* elemento do movimento *hip hop* que carrega em si a luta sociocultural de denúncia da desigualdade social e com marcações étnicas. A segunda análise cabe a um veículo que tem sua respeitabilidade pela via impressa e apresenta outra opção pela internet, nessa com uma definição especial de publicação e leitor. Com tais objetos nos aproximaremos com questões em olhares particulares.

Analisaremos a obra de Tinho além do imagético, refletindo nas configurações dos enunciados ali apresentados, também a disposição das notícias, ambos pensando na particularidade do sujeito, que por Orlandi, pela A.D. francesa:

> Não há sentido sem interpretação, ou melhor, o fato de que não há sentido sem intepretaçao, atesta a presença da ideologia. Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar (...) Esse é o paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência: sua interpelação pela ideologia. (ORLANDI, 2000: 45 e 46).

O sujeito esse que lê tais enunciados e aquele que o produz no assujeitamento ideológico, cercado em um campo político que por Charaudeau acontece em uma comunicação que influencia opiniões em um sistema de pensamentos (CHARAUDEAU: 2006.p.40) . Todo esse engendramento leva ao acionamento da memória discursiva, que por Pêcheux é vista como o acontecimento discursivo com implícitos, que conjecturam a existência do interdicursivo no movimento da Formação Discursiva foucaultiana (PÊCHEUX: 1999. p. 49-51).

Partindo dessas posições, à guisa da Analise do Discurso francesa, A.D, podemos disputar sentidos que encontramos nos veículos citados – *flickr* e periódico – e o embate de opiniões que mantém a acessibilidade e se constroem no político e o autoral no processo de constituição de sentidos por meio da web.

> O discurso político como sistema de pensamento é uma atividade política que procura fundam um ideal de pensamento (...). O discurso político como ato de comunica-

> ção concerne mais diretamente aos atores que participam da cena de comunicação política, cujo desafio consiste em influenciar as opiniões a fim de obter adesões, rejeições e consensos (...). O discurso político como comentário não está necessariamente voltado para um fim político. O propósito é o conceito político, mas o discurso inscreve-se em uma situação cuja finalidade está fora do campo da ação política: é um discurso a respeito do político, se o risco político. (CHARAUDEAU: 2006, p. 40).

2. O ARTISTA EM SUA FORMAÇÃO AUTORAL

Iniciamos por trazer como referência ao olhar a obra de Tinho a sua origem pelo *graffiti* que ainda hoje é vivo em sua obra. Tal arte localizada no movimento *Hip Hop*, o mesmo que surgiu das comunidades urbanas negras em um momento que muitas autoridades brancas acreditam ser o negro uma patologia no mundo dado como "normal", isso em um contexto norte americano (DARBY: 2006.p.91). Perante tal colocação o *Hip Hop* emergiu como denúncia em forma música - rap, sua dança - break e a sua pintura - *grafitti* – forma o caminho para a denúncia da desigualdade social e os preconceitos étnicos. Assim, vemos até hoje, mesmo com profundas mudanças, na amostra que Nomura proporciona em seu *flickr* momentos de reflexo à temática *Hip Hop.*

Tal efeito como na imagem a seguir:

(NOMURA, 2010).

A apresentação faz evocação no imagético uma garota com roupas curtas, observando carros, em um cenário urbano. No canto o enunciado *Fome de que?(sic)* sem o pronome você, cria em tal incompletude uma generalidade, a falta de destino da fome relatada, abaixo a mesma questão em língua inglesa traz a universalização de uma problemática social para que todos possam ver, além disso, de uma maneira interdis-

cursiva vemos a remissão a um trecho de uma música muito conhecida do grupo Titãs: Você tem sede do quê? Você tem fome do quê? Que em sua letra traz reivindicações: *A gente não quer só comida a gente quer comida diversão e arte*. No entanto, o efeito de sentido na obra de Tinho, por não determinar a pessoa com quem se fala e por uma imagem que caracteriza a urbanidade permite revelar a fome geral maior que a biológica, mas sim a social.

Em outra apresentação, feita em uma pintura de uma parede em ruínas percebemos a tônica social no artista:

(NOMURA, 2010).

Nessa pintura notamos novamente a figura humana junto ao enunciado, dessa vez em *Diga me porque (sic)*, observamos que Tinho não faz a pontuação que combinada ao questionamento proposto e na imagem que também possui uma menina com o rosto escondido diante de uma lugar em demolição que leva nos a pensar que é um questão lançada ao silenciamento.

Na imagem a seguir notamos pela pintura do artista outra movimentação:

(NOMURA, 2010)

Nessa última representação Nomura traz um garoto e o dizer: *Responda por mim...* . Notamos então que é assumido o lugar de pedido novamente sem interrogação, mas as reticências que referenciam a continuidade, a liberdade da colocação, da espera, porque não dizer da intervenção, em sincronia com uma imagem de uma pessoa triste.

Notamos aqui, que tais postagens trazem a manifestação do discurso político por esse ser entendido como uma manifestação do pensamento, conforme Charaudeau:

> O discurso político como sistema de pensamento é uma atividade política que procura fundam um ideal de pensamento (...). O discurso político como ato de comunicação concerne mais diretamente aos atores que participam da cena de comunicação política, cujo desafio consiste em influenciar as opiniões a fim de obter adesões, rejeições e consensos (...). O discurso político como comentário não está necessariamente voltado para um fim político. O propósito é o conceito político, mas o discurso inscreve-se em uma situação cuja finalidade está fora do campo da ação política: é um discurso a respeito do político, sem o risco político. (CHARAUDEAU: 2006, p. 40).

Assim, o acompanhamento das obras de Nomura, nas quais notamos uma denuncia legitimada pelo dizer e pela interpelação da sua posição sujeito grafiteiro, advindo de um movimento de denúncia de desigualdade social e étnica representa nas postagens de Tinho a colocação do questionar e sem resposta o sofrer, lança a quem o vê o pensar dessa movimentação, afinal a quem cabe responder e fazer em tais situações, isso posto que sabemos por meio das imagens que são lugares urbanos e deteriorados, assim como a periferia citada no início *hip hop*.

O autoral por sua vez é destinado além da nomeação, mas sim a difusão do público que o acompanha, pois conforme Gregolin, o efeito-autoria manifesta-se nas

diversas determinações do espaço social que produzem os sentidos (GREGOLIN: 2003.p.48).

Além disso, percebemos o autoral no ciberespaço isso devido o texto (entende-se os enunciados na internet como tal), conforme Abreu (2009), constituído da heterogeneidade com interpretação de outros dizeres, em um verdadeiro jogo de vozes, assim conceitua o autor e o leitor, sendo o primeiro lugar grandioso de discussão, pois a publicação no ciberespaço tem certa liberdade e a probabilidade de plágio, mas o referencial que faz com que todos atribuam a autoria à Nomura é que o acompanhamento de tal veículo se faz por aqueles que o conhece de suas aparições e histórico, pois o grande veículo para esse artista é concebido em exposições e lugares de discussões da arte urbana.

3. TEXTO JORNALÍSTICO ON LINE – A FILIAÇÃO AO HISTÓRICO

Façamos um deslocamento por sairmos do lugar de um movimento artístico para o institucionalizado pela leitura social e a credibilidade remetida pelo tempo: o jornal.

Observamos no mesmo que os pilares que sustentam a comunicação no jornalismo, como: palavras, imagens e a diagramação estão presentes no formato *on line*, claro que de maneira dinamizada, mas existente (FARIA: 2001.p.218). Nessa nova constituição vemos que o fotojornalismo revela na coluna *Ilustrada*, tal citação pela versão *on line*, de maneira descritiva ao abrir vários blogs para a determinada arte escolhida, assim logo abaixo presenciamos o informativo feito por Vivian Whiteman ao descrever a confecção de réplicas de bonecas Anna e Grace feitas por Andrew Yang.

WHITEMAN, 2010.

O comentário escrito acompanha a informatividade de quem, quando e onde, no conhecido lide:

> Em época de Fashion Night's Out e Nova York Fashion Week, a editora-chefe da Vogue americana, Anna Wintour, sempre vira notícia. E depois de ficar conhecida pelo documentário "A Edição de Setembro" (que conta os bastidores da revista), sua assistente, Grace Coddington, também. Tanto que a loja de departamentos novaiorquina Barneys convidou o ilustrador norte-americano Andrew Yang para transformar em bonecas as duas "amigas". (WHITEMAN: 2010).

Observamos que o autoral no mundo virtual e essa transferência do impresso ao *on line* não cria um mundo ilusório, ele se faz real e participativo, cumprindo com o valor criativo (QUEIROZ:2001.p.164), ainda pela mesma autora, conferimos que o virtual não se opõem ao real, mas sim ao atual; dessa forma, pelos ícones, as colocações de blogs é um cumprimento em retratar a oportunidade do leitor de hipertexto atribuir a autoria pela escolha de cadernos conhecidos na versão impressa, porém compilados, que acompanham o dinamismo desse leitor, que ao retornarmos ao texto e o compreendermos como discursivo o notamos com toda a restrição histórica que o afeta em submissão às regras de circulação (POSSENTI: 2001.p.30).

Qual seria à regra para o jornal *on line*? Qual a regulação discursiva no mesmo?

Notamos que na postagem anterior, também foi presente a informação de lançamentos de grifes e anexados vídeos, com o título *Gastando sem Culpa,* Whiteman continua a noticiar os últimos lançamentos da Vogue: *A editora da Vogue americana Anna Wintour revirou a agenda de contatos e escalou um time de peso para divulgar o seu Fashion Night´s Out.* (WHITEMAN: 2010).

Temos como conhecimento prévio que a Ilustrada impressa leva aos leitores buscarem títulos de leituras de acontecimentos específicos no campo da Arte, que pela versão da web é constituído pelo *blog* formulado em textos relativos as manifestações artísticas, em caráter informativo, assim, como retrata Gregolin (2003.p.96-97) mais uma marcação de sentido que transita em um grupo social, o mesmo grupo que tem o conhecimento prévio do jornal impresso e seu cadernos que ao invés de folhear as páginas e ler textos mais densos e detalhados, retrata a sua leitura em cliques do assunto escolhido diante da área em agilidade e rapidez, essa escolha é permitida na mesma página que traz atualizações de música, filmes e eventos televisivos. Quanto a questão

política de convencimento de comunicação, de acordo com Charaudeau (2006.p.39), trata no quesito comunicação como uma cena política que influencia, além das opiniões, a adesão; essa última referenciada na diagramação, fotografia, a palavra - que estão voltadas ao memorável do antigo jornal da banca, como se pudesse classificar com similaridade a leitura *on line.*

4. PRÁTICA PEDAGÓGICA: DISCURSIVO E TECNOLÓGICO

Podemos observar que a escola está no entrelaçar da rede da web, de forma positiva ela pode em trabalho conjunto eleger leitura de *flickr* como de Walter Nomura e o periódico Folha *on line*. Observamos que tal leitura, além da proporcionar o alcance, faz ser presente a relevância da autoria do próprio aluno, pois o mesmo poderá criar depoimentos na publicação dos textos *on line*, além de críticas no ciberespaço.

Essa publicação, do *flickr* e do periódico *on line* no ciberespaço, tem uma certa liberdade e também a probabilidade de plágio. Para isso entendemos a questão autoral, como referida em âmbitos pedagógicos o encaminhamento dos alunos por esses para construírem seus sentidos em práticas anteriores as escolares, muitas das vezes em pichações, músicas, diferentemente das formações dadas em ambiente escolar (BALDINI:2009).

Assim, tratar da autoria pode aproximar os alunos dos sentidos pedagógicos, sendo a internet um instrumento com diversos textos e interação, que resulta em diversos sentidos, sabendo que a liberdade desse lugar pode ser distinta por aplicar ao autor a legitimação por sua posição sujeito, que age historicamente por seu enunciado. Enquanto a autoria do discente encontra meios de ser enriquecida por caminhos os quais o sujeito tenha espaço para a circulação de seu sentido (BALDINI: 2009). Além do possível comparativo, na questão do periódico, entre o hipertextual e o impresso. Isso em interlocução de autor e leitor rumo à construção do caminho para discernir a primeira posição, isso se a internet for realmente a inscrição da posição autor-escritor.

Como resposta, conforme Souza (2009), o autor para se fazer escritor além da acessibilidade, originalidade tem ter um domínio especial da escrita, alcunhado assim se constituindo. Junto a essa definição, encontra-se nas leis meios para permear e proteger determinadas autorias e também traçar confiabilidade ao que se é publicado.

Além disso, o lugar e para quem se fala auxilia a credibilidade. Isso porque além do direito autoral, a função-autor no campo discursivo é concebida por encaminhar a leitura de

pensamentos que vinculam sua produção sem dispensar a questão do autor, sendo esse marcado discursivamente pelo pré-construído da mesma (BALDINI: 2009).

Isso posto, por pensar em pesquisa por meio do ciberespaço, considerada a discursividade com marcas que levam a formação de tais sentidos, que por base delimitam em regularidades. Para isso importa ser observada a intertextualidade e o interdiscurso presentes. Também lembrando que nesse mesmo lugar é concebido o hipertexto que, de acordo com Romão (2009), é a passagem constante de uma nova cena que nesse lugar é tido com a inscrição do sujeito e dos sentidos em uma nova ordem de lei.

Tal questão não afirma que tamanha liberdade simbólica deixa o sujeito disperso, ou irreconhecível, isso porque tanto o que faz o texto, quanto ao que lê, está interpelado pela ideologia, essa atua como uma influência e tem no discurso que por ela é formado seus esquecimentos que são depois provocados na memória.

Essa última colocada por Pêcheux (1999. p.56), como não podendo ser concebida como esfera plena, mas um espaço de deslocamentos e retomada de conflitos e regularizações. Concluímos dessa forma na pesquisa em ciberespaço vasto campo para o acesso da memória discursiva e novos acontecimentos que possam gerar novos significados, ordenados em simultaneidade do professor e aluno em toque e aprofundamento de tais textos, que de maneira direcionada tragam o debate que resultam nessa movimento discursivo, que como resultado faz crescer a discussão e aprofundar conhecimento ao objeto pesquisado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político:** Os lugares de publicação do discurso político. 1. ed. São Pailo: Contexto, 2006.

FARIA, Maria Alice, A Leitura do Jornal e do Fotorjornalismo. In: MARINHO, Marildes (org). **Ler e Navegar: espaços e percursos da Leitura**. 1. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2001, p.215-236.

GREGOLIN, Maria do Rosário, O Acontecimento Discursivo na Mídia: Metáfora de um breve História do Tempo In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org). **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo** s. 1. ed. São Carlos: ClaraLuz, 2003, p.95-110.

GREGOLIN, Maria do Rosário, Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria? In: BARONAS, Roberto . GREGOLIN, Maria do Rosário (org). **Análise do Discurso: as materialidades do sentido**. 1. ed. São Carlos: ClaraLuz, 2003, p.47-56.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso.**. 2. ed. Campina: Pontes, 2000.

DARBY, Derrick, SHELBY. **Hip Hop e a Filosofia**. 1. ed. São Paulo: Madras, 2006, p.47-56.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS:

ABREU, ANA SILVIA: ABREU,A.S.C. Leitura e escrita enquanto práticas discursivas: construindo filiações. Disponível em: www.rieoei.org/deloslectores/2429**Abreu**.pdf. Acesso: 05 ago. de 2009.

BALDINI,L.J.S. A autoria é algo que se ensina? Disponível em: http://www.alb.com.br/anais16/sem07pdf/sm07ss06_05.pdf.05 ago. 2009.

ROMÃO, L.M.S. O cavalete, a tela e o branco: introdução à autoria na rede eletrônica. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502006000200004&lng=pt&nrm=iso. Acesso: 05ago. 2009.

NOMURA, W. Disponível: <http://www.flickr.com/photos/tinho_nomura/438979189/>. Acesso: 01 ago. 2010.

NOMURA, W. Disponível: < http://www.flickr.com/photos/tinho_nomura/4818543140/>. Acesso: 01 ago. 2010.

NOMURA, W. Disponível: < http://www.flickr.com/photos/tinho_nomura/4817918179/>. Acesso: 01 ago. 2010.

WHITEMANN, vivian: < http://ultimamoda.folha.blog.uol.com.br/> Acesso: 28 ago.2010.